

## *A ética proposta por Enrique Dussel: a abertura ao outro distinto*

*Arnaldo Mayr<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Apresentação dos principais elementos que compõem o sistema ético proposto pelo filósofo argentino Enrique Dussel, um dos pilares do arcabouço teórico sobre o qual se erigiu a teologia da libertação latino-americana. O conceito de alteridade tomando o outro como distinto, a totalidade fechada do outro em “si mesmo” e a nova ética proposta por Dussel. Restrições de Jean-Paul Sartre ao modelo da alteridade totalmente aberta ao outro proposta por Dussel.

*Palavras-chave:* Ética, Alteridade, Ontologia Fechada, Ética da Libertação. Enrique Dussel.

### **ABSTRACT**

**Ethical the proposal for Enrique Dussel:** the opening to the other distinct one.

Presentation of the main elements that compose the ethical system considered by the Argentine philosopher Enrique Dussel, one of them pillars of the theoretical base on which if it erected the theology of the Latin American release. The concept of figure of the other taking the other as distinct, the closed totality of the other in "itself exactly" and the new ethics proposal for Dussel. Restrictions of Jean-Paul Sartre to the model of the figure of the other full opened to the other proposal for Dussel..

*Word-key:* Ethics, Figure of the Other, Closed Ontology, Ethical Liberation. Enrique Dussel.

### **1 Introdução**

O objetivo deste trabalho é apresentar de maneira crítica os principais elementos que compõem o sistema ético proposto pelo filósofo argentino Enrique Dussel. Este, preocupado com a situação de exploração a que estão submetidos os povos latino-americanos, se propõe a apresentar os fundamentos teóricos que justificam, teoricamente e praticamente, esta situação. Ao mesmo tempo, Dussel critica radicalmente este sistema ético e apresenta um sistema alternativo “Ética da Libertação Latino-Americana” que comporta uma ruptura ontológica com os sistemas tradicionais. Tomaremos como referência a obra de mesmo nome.

Assim, pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho a trajetória proposta por Dussel. No primeiro capítulo vamos fazer uma retomada da ética tradicional, construída ao longo da história da filosofia e também denominada ontologia fechada de “o mesmo”, a partir de uma leitura de Enrique Dussel. No capítulo seguinte situaremos propriamente a análise de Dussel debruçando-nos sobre os conceitos fundamentais sobre os quais serão construídos os principais elementos da ética de libertação que também pode ser chamada de ética de abertura ao outro distinto. Neste momento vamos evidenciar os seus pressupostos

---

<sup>1</sup>Mestre em letras, pela UNINCOR e graduado em Filosofia pela PUCCampinas. Atua como professor de filosofia e disciplinas afins na Educação a Distância. Trabalha como docente no ensino superior. Contato: [asmayr@asmayr.pro.br](mailto:asmayr@asmayr.pro.br)

teóricos demarcando a ruptura com a ética tradicional. Avançando um pouco mais, vamos confrontar a perspectiva de Dussel com a proposta do existencialismo proposto por Sartre, notadamente nos aspectos da identidade pessoal e da imagem apresentada ao outro. Queremos chamar Sartre ao diálogo com Dussel a fim de explicitar as dificuldades que são encontradas no seu desdobramento concreto, posto que ética (plano teórico) e moral (plano prático) se apresentam de modo indissolúveis, como veremos a seguir.

Finalmente, a guisa de conclusão, faremos um apontamento dos aspectos positivos da análise proposta por Dussel, suas contribuições efetivas e a importante quebra de paradigma por ele proposta. Da mesma forma, explicitaremos seus pontos de fragilidade, as decorrências de seus pressupostos teóricos e os desafios que nos são colocados a partir disto.

## 2 A ontologia fechada de “o mesmo”

Lançando mão de uma terminologia heideggeriana, nosso autor parte de uma constatação que exige resposta: “Por que o herói da ontologia da totalidade não comete falta moral nem tem consciência da culpabilidade quando na guerra mata outro homem, o inimigo?” (DUSSEL, s.d., p. 10). Em outras palavras, Dussel quer explicitar o embasamento sobre o qual se constrói a legitimação da guerra. E guerra no seu sentido mais amplo, tomada enquanto movimento sócio-político que culmina na eliminação do outro que é considerado um inimigo.

Para que isto possa acontecer, responde ele, o herói deverá revestir o outro da impessoalidade de “o inimigo”, que não é considerado um Outro – com sua individualidade e modo de ser próprio – mas só é considerado um alguém que subverte a segurança do Todo e que pretende tornar-se distinto (e não apenas diferente)<sup>2</sup> do mesmo, e por isso deve ser considerado um “inimigo”. Quanto aos aspectos práticos, este deve ser eliminado mediante a ontologia da guerra, a fim de garantir a coesão do Todo.

A autenticidade do Todo é uma posição defensiva, conservadora, que reafirma tautologicamente a “verdade” do Todo e repele qualquer posição divergente que coloque em risco a segurança do Todo. Quem mais poderia colocar em risco esta segurança do Todo senão o inimigo? Nesta perspectiva o inimigo deve necessariamente ser eliminado, restaurando a homogeneidade da totalidade. Os não-semelhantes não podem co-existir no mesmo espaço físico. Devem ser suprimidos. Mesmo que através da força.

Esta perspectiva sempre encontrou amparo junto à História da Filosofia, onde o mal sempre foi revestido de um caráter ontológico, e não ético. Assim o foi nos clássicos (mal enquanto o falso, causado pela ignorância); em Kant (mal enquanto ‘a priori’ da razão prática, e por isto situado no plano noumenal);<sup>3</sup> em Schelling (mal enquanto pluralidade) e, finalmente, em Hegel que qualificou o mal como primazia do particular sobre o universal.

Antes de avançarmos na reflexão, nos parece oportuno caracterizar os conceitos de ética e moral, a fim de dirimir eventuais divergências conceituais. Dentre todos os discursos sobre o tema, optaremos por Adolfo Sanches Vasquez, o qual tomaremos a liberdade de transcrever literalmente aqui. Diz ele que

A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade.[...] O valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas. (VASQUEZ, 1997, p. 21)

<sup>2</sup> Segundo Houaiss, **distinto** é o “que se pode distinguir bem; nítido, marcante” ou ainda “que goza de respeito, deferência, por mérito ou posição; ilustre, eminente” ao passo que **diferente** é “que difere parcial ou totalmente; que se distingue; que não é semelhante, igual ou idêntico”.

<sup>3</sup> Diz Houaiss: “no *kantismo*, a realidade tal como existe em si mesma, de forma independente da perspectiva necessariamente parcial em que se dá todo o conhecimento humano; coisa-em-si, nômene, nómeno [Embora possa ser meramente pensado, por definição é um objeto incognoscível.]” Essa perspectiva constrói-se por oposição ao fenômeno, enquanto aquilo que se manifesta a um sujeito cognoscente.

Ao passo que a moral, por seu caráter prático pode ser entendida como

um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal (VASQUEZ, 1997, p. 84)

Heidegger avança na reflexão ética na medida em que desloca o problema do nível ontológico para o nível ôntico, espaço de atuação do ser-ai. De qualquer forma, até aqui a situação continua de maneira invariável, pois permanece ainda justificada.

a tradição da ontologia da Totalidade, diante da qual é possível a sociedade fechada (que não tem alteridade) e onde os membros convivem entre si, indiferentes ao resto dos homens, sempre atentos para atacarem e se defenderem, reduzidos a uma atitude de combate. O herói dominador é o encarregado prático de lutar pelo Todo contra o Outro diferente que tenta ser dis-tinto. O sábio é aquele que teoricamente cobriu o outro com a aparência da maldade natural do diferente como pluralidade. A perfeição se obtém alcançando a honra ao matar aquele que se opõe: aniquilando a pluralidade e conhecendo a Totalidade - “o mesmo”- como a origem idêntica da di-ferença. O Todo como fundamento não é ético: é simplesmente “verdadeiro”. (DUSSEL, s.d., p. 22).

Vale ressaltar a importância dos elementos sobre os quais se constroem a sociedade fechada que Dussel captou de forma muito assertiva como pudemos ver no fragmento anterior. Primeiramente a idéia de Totalidade enquanto sociedade fechada, que não comporta a alteridade e se aliena das demais sociedades. Depois, o conceito do herói dominador que atento à manutenção da Totalidade sempre vela pelo Todo, atacando e defendendo continuamente. Igualmente, a figura do sábio exerce um papel fundamental. Ele é o encarregado de construir ideologicamente a figura do inimigo e oferecer justificativas para que a ação do herói seja desprovida de caráter ético, e por isso, socialmente aceitável. O sábio exalta o mal como característica do inimigo e pede pela sua aniquilação. Fecha-se assim o ciclo da manutenção da Totalidade onde os personagens principais são o herói, o sábio e o inimigo.

Deste modo, Dussel empreende uma crítica radical aos sistemas éticos tradicionais e abre a possibilidade para o surgimento de um outro sistema. Ao deslocar o problema do nível ontológico para o nível ético, surge a possibilidade de uma nova organização do Todo baseada no conceito de alteridade. Isto porque, o plano ético exige a figura do Outro para se construir. Este será o tema de nosso próximo capítulo.

### 3 A ética da abertura ao outro distinto

Na ontologia da Totalidade fechada de “o mesmo” o mal é entendido no nível ontológico, como demonstramos anteriormente. Recusando esta perspectiva, Dussel situa o mal no nível ôntico - relativo ou pertencente ao ser, ao seu estudo ou às suas características; no heideggerianismo, diz-se do que se relaciona ao ente, o existente múltiplo e concreto, em oposição ao ontológico, que se refere à essência ou natureza geral de cada particularidade existente<sup>4</sup> e o identifica como a negação do Outro, ao mesmo tempo em que o bem é a abertura ao Outro, o sim-ao-Outro.

Esta abertura ao Outro tem suas bases no pensar judeu da alteridade, cujos representantes contemporâneos são Martin Buber<sup>5</sup> e Emanuel Levinas<sup>6</sup>. O fundamento da

<sup>4</sup> Cf HOUAISS.

<sup>5</sup> Cf. BUBER, Martin. **Eu e Tu**, 1977.

<sup>6</sup> Cf. LEVINAS, Emanuel. **Totalité et infini**, 1961.

ética é a alteridade; o Outro que interpela a minha liberdade e instaura a possibilidade da criação do novo. Esta postura rompe com a perspectiva ontológica e resgata a figura do Outro como parâmetro primeiro na construção da ética.

Neste particular, o pensamento de Dussel confirma a perspectiva proposta pelo filósofo mexicano Adolfo Sanches Vasquez. Este está comprometido com a necessidade de caracterizar o ato moral algo como uma ação concreta. Diz ele:

Em rigor, como o indivíduo não existe isolado, mas enquanto ser social, também não existe uma moral estritamente pessoal. Os agentes dos atos morais são somente os indivíduos concretos, quer atuem separadamente, quer em grupos sociais, e os seus atos morais – em virtude da natureza social dos indivíduos – sempre têm um caráter social (VASQUEZ, 1997, p. 75)

A figura social que se destaca é a do profeta, que substitui a figura do herói. Aquele é o único capaz de implodir a Totalidade fechada, na medida em que escuta e não vê a partir de si mesmo, o que constituiria uma postura duplamente defendida. Isto acontece porque o profeta tem um comprometimento intrínseco com o outro. Ele pro-fere porque lhe interessa a figura do Outro. Sua mensagem é construída na direção do Outro. Ele não fala a partir do seu mundo, mas interpela o mundo do Outro e propõe um avançar.

Esta postura de disponibilidade e abertura transcende o social instituído e possibilita a irrupção do realmente novo. Nas palavras de Dussel, o “Outro é o mestre do bem e pedagogo da justiça, aquele que chama o pro-feta, converte o homem que está situado ao nível da vida cotidiana encerrada na Totalidade” (DUSSEL, p.44).

O profeta instaura uma atitude pedagógica que não tolera a morte do Outro.

A exigência ética suprema do ser do Outro como liberdade inalienável, implica em aceitar sua posição transversal em relação ao meu mundo; respeito por sua exterioridade metafísica, e impossibilidade de aniquilá-lo gratuitamente (LEVINAS, 1961, p. 46).

Assim, o primeiro imperativo categórico decorrente da “Ética da Libertação” é: “Não mates o outro, ame-o com amor de justiça [...] a solidão do único é panteísmo, idolatria, totalitarismo, guerra, morte” (DUSSEL, s.d., p.47). Esta ética que se coloca exige a colaboração mútua, a construção conjunta e a interação como pré-requisitos da convivência social.

Matar o outro é ficar só, e esta posição Dussel recusa por princípio.

O profeta por sua vez é discípulo do Outro e pode ser mestre da história. É capaz de libertar o Outro enquanto Outro, criando a “condição metafísica da possibilidade do progresso histórico e do aparecimento de uma nova Totalidade” (DUSSEL, s.d., p.47).

Da mesma forma, a ética fundada na alteridade é capaz de “criar o impossível dentro da Totalidade, deixando que o Outro fale a partir de sua liberdade (o nada) e irrompe em seu mundo (a Totalidade) pré criando o realmente novo histórico” (DUSSEL, s.d., p.47).

Assim, Dussel resgata a figura do Outro enquanto entidade que respeita as diferenças, sabe-se distinto e aberto às novas possibilidades.

#### 4 A crítica sartreana

Até o presente momento, ocupamo-nos dos aspectos teóricos que sustentam a “Ética da Libertação”. Esta se constrói sob dois pressupostos que gostaríamos de re-avaliar, como garantia de validação dos argumentos apresentados. Tais pressupostos opõem-se à abordagem sartreana, daí o fato de fazermos de Jean-Paul Sartre nosso interlocutor neste diálogo com Enrique Dussel.

#### 4.1 O problema da identidade pessoal

Opondo-se à afirmação de Sartre de que “o inferno é o Outro”, Dussel afirma que esta expressão inscreve-se no universo da Totalidade fechada, pois, é “inferno para quem quer, pretende e projeta fechar seu mundo definitivamente como Totalidade” (DUSSEL, p,28)<sup>7</sup>. Em “Entre quatro paredes” – peça teatral de Sartre que traz a expressão tomada por Dussel – a afirmação tem, contudo um caráter diverso do apresentado. “O inferno ... são os outros” (SARTRE, 1977, p. 98, *grifo nosso*) não pretende instaurar o solipismo fechado de “o mesmo” mas alude ao fato de que o Outro é alguém que me interpela, me questiona e me obriga a ser eu mesmo diante dele. Não um eu fechado, definido, mas um eu que comporta uma liberdade infinita e que faz do Outro constitutivo do meu projeto de vida individual-coletiva. A subjetividade reclamada pelo existencialismo sartreano não é

escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens (SARTRE. 1987. p.6).

Assim, nos parece claro nesta perspectiva, que o homem encontra-se centrado em sua personalidade, consciente de suas motivações e responsável por suas opções, ao mesmo tempo em que compartilha, necessariamente, seu projeto com os Outros. Nas palavras do próprio Sartre

escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. (SARTRE. 1987. p.6).

De outra maneira, qual a identidade daquele que vive exclusivamente em função dos Outros? Qual é o seu projeto de vida, se é que o possui, ou tem coragem de escolhê-lo? Não podemos nos esquecer que um eu fragmentado é indicativo de alienação e perda da identidade própria. A psicanálise teria muito a nos dizer sobre isto, mas nos distanciaríamos muito do nosso objetivo inicial, e assim, fica apenas a menção.

#### 4.2 A imagem apresentada ao outro

Na abordagem de Dussel, aquele que é dominado, oprimido, passa a ser tomado como aquele que se mostra como “mistério”. Este conceito traz consigo uma carga muito forte do pensamento judaico sobre a alteridade. O Outro é sempre aquele que deve ser tratado “com-amor-de-justiça”, nas palavras do próprio Dussel. Os pressupostos ocultos aqui são a bondade, a gratuidade e a docilidade inerentes ao outro. Tais atributos encontram-se subjacentes ao próprio paradigma de homem de que se parte, e que são estendidos a todos os homens de maneira indiscriminada.

Na prática, a história tem demonstrado que as ações humanas – especialmente a dos cristãos e judeus, maiores tributários deste pensamento – não se coadunam com os

---

<sup>7</sup> Observe que a expressão encontra-se no singular, tomando o Outro como algo abstrato, universal.

atributos pressupostos. Isto porque, tais atributos são abstratos, meramente ideais, com finalidades religioso-sociais. A própria figura do “Bom samaritano” parece apenas ser um paradigma que não encontra similares no concreto. Mera repetição da ontologia da Totalidade? Parece-nos que não.

A ontologia subjacente à proposta de Dussel erige-se sobre o pressuposto e que o homem é criatura, exigindo-se assim um parâmetro maior que é Deus. Ora, como todas as antropologias teístas, a perspectiva teleológica torna-se um dos eixos centrais da existência humana. As noções de perfeição/imperfeição, e bondade/maldade, inscrevem-se num universo axiológico presente no âmbito ontológico, que não é o mesmo daquele em que se desenvolvem as ações humanas (ôntico), apesar de estas serem avaliadas pelas primeiras.

A precedência do valor ao ato, por si só delimita um modo definido que deve condicionar a prática humana, instaurando-se assim um sistema moral supra-histórico, o que é extremamente perigoso. É o paradoxo das ações humanas desenrolarem-se no nível da história concreta dos homens e os valores morais encontrarem-se em um plano totalmente diferente e abstrato.

## 5 Considerações Finais

Parece-nos claro que a crítica efetuada por Dussel aos sistemas éticos clássicos tem seus fundamentos e apresenta-se como necessidade urgente a ser assimilada pelos países do chamado *terceiro mundo*, tratados até hoje como di-ferentes e que deveriam ser reduzidos ao paradigma do Todo “verdadeiro”. Neste aspecto, a colocação de Dussel vem ao encontro de uma necessidade histórica de libertação destes mesmos povos, encetada desde já há algumas décadas sem, contudo, ser capaz de detectar o problema em seus fundamentos e orientar uma ação conseqüente. A reflexão de Dussel constitui, portanto, valioso instrumental.

De maneira semelhante, a apresentação do Outro enquanto aquele que traz consigo a possibilidade do realmente novo histórico pode ser considerado um dos alicerces sobre os quais podemos construir uma nova forma de relacionamento interpessoal e entre países.

Igualmente, a primazia do ouvir sobre o ver é uma garantia para a construção de uma sociedade democrática, onde o inter-relacional é resguardado e garantia de totalidade aberta.

Por outro lado, quando chegamos ao nível do concreto, Dussel deixa a desejar na medida em que mantém parâmetros valorativos situados no âmbito ontológico, incorrendo no mesmo erro que critica nos sistemas tradicionais. Como vimos, isto decorre de seus pressupostos teístas.

Desta forma, a superação dos limites teístas mostra-se como algo necessário, sem o que, inviabiliza-se o surgimento de uma ética mais condizente com o homem contemporâneo. Tal tarefa é um trabalho árduo e pacioso, mas cujo produto final, estamos certos, virá ao encontro de nossas necessidades mais prementes, viabilizando uma maior possibilidade de exercício de nossas liberdades individuais e coletivas, sem perder de vistas o respeito pela alteridade do Outro.

A construção ética é um trabalho contínuo. Demanda esforço e uma busca individual constante. Pensar de maneira crítica é ser capaz de romper o ciclo vicioso do mesmo e instaurar o novo. É pensar por si mesmo, diferentemente da manada. Esta atitude abre espaço para a superação dos limites do humano e permite que o projeto do fazer-se homem continue sempre aberto.

## **6 Referências Bibliográficas**

BUBER, Martin. **Eu e tu**. SP: Cortez e Moraes, 1977.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**. SP: Loyola, s.d.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da língua portuguesa**. SP: Objetiva, 2003.

LEVINAS, Emanuel. **Totalité et infini: essay sur la exteriorité**. La haye: Njmoff, 1961.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. SP: Abril Cultural, 1977.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. SP: Nova cultural, 1987.

VASQUEZ, A. Sanches. **Ética**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.